XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

COMUNICAÇÃO ORAL

ISSN 1983-6783

DA COLONIZAÇÃO À DESCOLONIZAÇÃO: CONHECIMENTO, PENSAMENTO E SABER

Fernanda Fontes Preto, Helen Pinto, Josiane Andrade. Gilberto Ferreira da Silva (orient.), UNILASALLE

Resumo

No presente trabalho procuramos elucidar alguns dos conceitos que são tomados como referência na discussão denominada de “Giro Decolonial”. Colonialidade, colonização e descolonização são conceitos centrais que mobilizam a reflexão e a crítica neste campo.

Palavras-chave: ***Descolonização, Colonialidade.***

Área Temática: PPG em Educação

1. Introdução - Propósito central do trabalho

Temos como objetivo entender de maneira se deu a colonização da América Latina e quais suas influências e sequelas nos povos colonizados, bem como se é possível, na contemporaneidade, promover uma descolonização que envolva o conhecimento, o pensamento e o saber para um resgate de povos que tiveram suas culturas suprimidas ao longo de diversas colonizações. A relevância do tema se dá pelo fato de que a colonização presente em grande parte da América Latina deixou uma herança não mais homogênea, como se era almejado, mas sim, culturas, etnias e identidades ainda mais híbridas. A miscigenação presente resultante desta colonização, não é suficiente para a conscientização destes indivíduos, constituídos de heterogeneidade, muito pelo contrário, uma vez que com os olhos voltados ainda para o modelo de seus colonizadores, marginalizam todos os que não se encaixam na mesma, negando e excluindo assim, suas próprias origens.

A concepção descolonial, que tem por intuito o entendimento dos conhecimentos camuflados que foram desclassificados, assim como eliminados pela ação da colonização, visando à libertação. Desse modo, vislumbra-se refletir plausíveis escolhas, acerca do padrão dominante da modernidade europeia de forma fragmentada ou mesmo total, intercedendo nos fatos sociais e alterando a situação de um conjunto de saberes, pessoas e capacidades do nível de opressos pelo nível de independentes, que falam por si. Tal concepção, proposta por escritores que são em sua maioria, latino-americanos, como Mignolo, Whalsh, Quijano, entre outros, que imbuídos de uma rica experiência por vivenciarem na prática as consequências da colonização, nos fazem pensar na ideia de desconstruir velhos conceitos, pensamentos e ideias, para então, reconstruí-las sem os mesmos pré-conceitos que carregávamos antes. Contamos também com autores como, Boaventura Santos, Arturo Escobar e Enrique Dussel para nos conduzirem a uma reflexão acerca da descolonização do conhecimento, do pensamento, do saber na América Latina e também com os presentes no cenário mundial como Fanon, Bhabba e Hall.

ISSN 1983-6783

2. Marco Teórico

Quando tomamos um conhecimento epistêmico maior sobre a colonização, percebemos que a mesma é muito mais cruel, destruidora e desumana do que se contam nos livros de história que vimos nos tempos de escola, e isso é absolutamente proposital. Colonizar um povo é mais do que obrigá-lo a tomar consciência de que ele é menor hierarquicamente que o seu colonizador e para tanto, evoco Mignolo, pesquisador argentino radicado nos EUA, professor na universidade de Duke e grande referência na produção acadêmica em torno do colonialismo, e que defende que a repressão, como ele mesmo salienta:

> "La represión recayó, ante todo, sobre los modos de conocer, de producir conocimiento, de producir perspectivas, imágenes y sistemas de imágenes, símbolos, modos de significación; sobre los recursos, patrones e instrumentos de expresión formalizada y objetivada, intelectual o visual." (1992, pág. 12)

Ao mesmo tempo em que a colonização marginaliza os que não se encaixam na cultura idealizada pelos mesmos, seu discurso é tão convincente, que os próprios colonizados são levados a almejarem a pensar, viver e parecer da mesma forma que seus colonizadores. A idealização de uma cultura, um pensamento e um conhecimento universal e homogêneo leva às populações com maior hibridização (BHABHA, 1998) como o Brasil, a se sentirem menosprezadas, frustradas, marginalizadas e com a ilusão de que a vida seria muito melhor se os mesmos se encaixassem neste idealismo. A conscientização de que, na contemporaneidade, não há um núcleo identitário fixo (HALL 1999) ou que estamos imunes à miscigenação é um início para compreender que homogeneidade é uma utopia imposta e propagada por quem se considera superior ao outro e ainda prima pela hierarquização social, cultural e étnica.

Parece que estamos imitando padrões estabelecidos pelos norte americanos e europeus, e nossa identidade se mistura com o deslumbre do que parece melhor e mais valioso. As escolas e universidades latinas almejam a qualidade europeia, ao mesmo tempo em que veneram profissionais que tenham estudado em uma destas universidades ditas "modelo", agregando-lhes um status superior aos demais profissionais, havendo ou não mérito. A análise que realizamos de nossos dados nas pesquisas são embasadas por teóricos que não nos representam por terem realidades completamente diferentes. E, mesmo assim temos nossas pesquisas financiadas como possibilidade de revisão de práticas que precisam ser alteradas para contemplar a realidade. Será que o equívoco do embasamento teórico de nossas pesquisas também perpetuam uma falsa realidade que apenas reproduz sem nos favorecer?

Para iniciar nossa reflexão iremos começar conceituando descolonialidade segundo Mota Neto a partir de diversos autores organizados em torno do "programa de investigação da modernidade/colonialidade latino-americano".

> [...] designa o questionamento radical e a busca de superação das mais distintas formas de opressão perpetradas contra as classes e os grupos subalternos pelo conjunto de agentes, relações e mecanismos de controle, discriminação e negação da modernidade/colonialidade. De outra forma, decolonialidade refere-se ao esforço por "transgredir, deslocar e incidir na negação ontológica, epistêmica e cosmogônico-

ISSN 1983-6783

> espiritual que foi – e é – estratégia, fim e resultado do poder da colonialidade", de acordo com Catherine Walsh (2009, p. 27), o que significa, nas palavras de Walter Mignolo (2007, p. 27), que a decolonialidade é uma "energia que no se deja manejar por la lógica de la colonialidad, no si cree los cuentos de hadas de la retórica de la modernidad". (2015, p. 14).

É na relação entre colonialidade e epistemologia que inicia a discussão de Mignolo. A partir dessa relação que o autor constrói seu pensamento em torno de dois planos diferentes que se complementam: primeiro, como uma crítica cultural às configurações históricas do imaginário do sistema colonial/ moderno, fundamentado na colonialidade do poder e na diferença colonial que historicamente produziu uma geopolítica do conhecimento que subalterniza saberes, povos e culturas. Nessa perspectiva, o seu trabalho faz uma genealogia dos processos de subalternização das diferentes formas de saberes, memórias, línguas e histórias locais, suprimidas e silenciadas pela colonialidade do poder no imaginário moderno colonial, nos permitindo uma reflexão a cerca de nosso próprio modo de pensar e de nos posicionar frente às diferenças. (MIGNOLO, 2003).

E, num segundo momento Mignolo faz uma crítica à colonialidade do poder e dos processos de subalternização e aponta para a emergência de criação de outras enunciações. Para o autor, estamos vivendo a emergência de criarmos outro pensamento que aponte para uma razão pós-ocidental. Tal pensamento seria uma reflexão crítica sobre a produção do conhecimento e implicaria na sua redistribuição geopolítica até então pautada na colonização epistêmica e na subaltenização de todas as formas de saberes que não estivessem pautadas nos cânones da ciência eurocêntrica. (MIGNOLO, 2003).

> Trata-se de uma concepção marcada por uma busca persistente pela autonomia, o que só pode ser entendido se tivermos em conta que a decolonialidade tem sido elaborada a partir das ruínas, das feridas, das fendas provocadas pela situação colonial. Portanto, é a partir da dor existencial, da negação de direitos (incluindo os mais elementares, como o direito à vida), da submissão de corpos e formas de pensamento, da interdição a uma educação autônoma que nasce a concepção decolonial. Sendo esta sua origem, a concepção decolonial, como não poderia deixar de ser, revela sua primeira face como constituída pela negação à negação. Ela é, assim, anticolonial, não eurocêntrica, antirracista, antipatriarcal, anticapitalista, em seus devidos desdobramentos, e assume um enfrentamento crítico contra toda e qualquer forma de exclusão que tenha origem na situação colonial e nas suas consequências históricas. Da negação à negação tem surgido, assim, em sua face positiva, distintas propostas de reinvenção da existência social, do pensamento, da educação, da cultura, da ciência, da filosofia. (MOTA NETO, 2015, p. 49).

Maldonado-Torres (2008) denomina tal concepção de giro ou virada descolonial, sendo em primeiro lugar um caminho de perspectivas e ações que se encontram nas práticas e formas de conhecimento de sujeitos colonizados desde o início da colonização e em segundo lugar, um

ISSN 1983-6783

projeto de transformação sistemática e global das proposições e implicações da modernidade assumida por vários sujeitos em diálogo. A questão da colonização é componente constitutivo da modernidade e a descolonização é tida como uma quantidade indeterminada de estratégias e maneiras de contestar com objetivo de mudarmos radicalmente as formas hegemônicas atuais de poder, ser e conhecer. A virada descolonial seria, portanto, uma maneira de descolonizar nosso pensamento, nos permitindo resignificar tudo o que conhecemos ou vivenciamos.

Já, Mignolo (2007, p. 26) compreende a virada decolonial como "la conceptualización misma de la colonialidad como constitutiva de la modernidad", o que significa dizer, segundo Mota Neto (2015, p. 50) "que a perspectiva decolonial procura revelar o terror, a morte, a discriminação e o epistemicídio escondidos por detrás da retórica salvacionista da modernidade". Sair da ignorância a cerca da realidade histórica que foi astutamente mascarada pela colonização é o primeiro passo para que se possa entender de fato o que aconteceu com os povos que aqui já habitavam quando os primeiros colonizadores chegaram e reconhecer quão cruel e desumano é o processo de colonização, uma vez que o mesmo traz consigo não somente a subordinação de outras culturas, mas também, e principalmente, a discriminação, dominação, exploração e a repressão.

3. Metodologia

A fim de estabelecer um trajeto metodológico coerente com o propósito da presente pesquisa, e ao optarmos por uma pesquisa de cunho bibliográfico, fundamentamo-nos em Gil (1999, p. 50) quando nos diz que: "A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos." Optamos por este tipo de metodologia de pesquisa pois a consideramos mais acessível, uma vez que estamos tecendo ideias em conjunto e também por mais uma vez concordarmos com Gil quando salienta que:

> A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. (199, p.50).

Trata-se de uma pesquisa de natureza básica que para Gil (1999) tem o intuito de fomentar conhecimentos inovadores para o avanço da ciência, sem aplicação prática prevista, com abordagem qualitativa. Utilizamos o método qualitativo para apresentar conceitos sobre coloniazação/descolonização não quantificando valores e crenças. Minayo (2013, p.21) explica que a pesquisa qualitativa:

> [...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o

ISSN 1983-6783

que faz por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

Sendo assim para a compreensão de como as inter-relações se estabelecem no contexto do processo entre colonizador e colonizado entendemos necessária a pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa para subsidiar a pesquisa a fim de ressignificar paradigmas dominantes existentes.

4. Considerações Finais

O colonialismo é objeto de críticas uma vez que as imposições europeias e norte americanas prevalecem na constituição de povos latino americanos limitando ações e determinando posturas, coisifica o indivíduo conforme Cesaire (2006) relata, existe uma indiferença em relação a formação cultural, destruição das suas instituições, perda de suas terras além de afetar diretamente a subjetividade do indivíduo o diminuindo em suas perspectivas e possibilidades.

Ser colonizado é viver com incertezas identitárias e históricas, com trajetórias comprometidas por perdas que geram inseguranças em suas escolhas. Pensar no processo colonizador implica rever posturas que inibam a perversão da lógica colonial que além de manter a pobreza material deprecia o ser o oprimindo, o aniquilando. (Fanon, 1968).

Para tanto, promover uma descolonização que envolva o conhecimento, o pensamento e o saber para um resgate de povos que tiveram suas culturas suprimidas ao longo de diversas colonizações parece ser tarefa para os programas de pesquisas das academias que teoricamente apresentam compromisso político intelectual.

Referências

BHABHA, Homi. **O local da cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CÉSAIRE, Aimé**. Discurso sobre el colonialismo**. Madrid: Ediciones Akal, 2006.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. 1a Edição. Tradução José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **La descolonización y el giro des-colonial**. Tabula Rasa, Bogotá, n. 9, p. 61-72, julio-diciembre 2008.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/Projetos globais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter. **El pensamento decolonial: desprendimento y apertura Um manifiesto.** In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón. El giro decolonial. Reflexiones para uma diversidade epistémica más aliá del capitalismo global. Bogotá: Sigilo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontifica Universidad

ISSN 1983-6783

Javeriana, Instituto Pensar, 2007. Disponível em: <http://www.unsa.edu.ar/histocat/hamoderna/grosfoguelcastrogomez.pdf> Acesso em 11/08/2016.

MINAYO, M.C. Souza. (Org.) **Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade**. Ed. Vozes, 2013.

MOTA NETO, João Colares da. **Educação Popular e Pensamento Descolonial Latino-americano em Paulo Freire e Orlando Fals Borba.** 2015. 370 f. Tese de Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará, 2015.